

O PARADIDÁTICO COMO INSTRUMENTO FACILITADOR NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Sandra de Castro de Azevedo*
Cilene Gomes Brito de Almeida**

1 INTRODUÇÃO

A experiência como docente revelou a dificuldade e/ou o desinteresse do aluno em relação a leitura, isto ocorre em todas as aulas e se tornou um problema na vida escolar, pois dificulta o processo de ensino-aprendizagem e é também um grande entrave para os professores que possuem dentre os seus objetivos desenvolver o hábito de leitura em seus alunos.

Pensar em sala de aula como um espaço de nascimento de leitores/escritores é propor que nela se instalem a interação e a palavra. Em questão, portanto, o silêncio forçado e o repetir sem sentido que não raro fazem parte de nossas classes de leitura e escrita (...).(DIETZSCH e SILVA, 1994, citado por TEZZARI, 2005:34).

A leitura é essencial para o desenvolvimento do conteúdo de qualquer disciplina, pois dentre seus objetivos específicos estão:

- Desenvolver estratégias de leitura como: índices de previsibilidade, explicação do conteúdo implícito, levantamento de hipóteses, relações de causa e consequências, de temporalidade e espacialidade, síntese, tradução de símbolos e relações entre forma e conteúdo etc.;
- Comparar textos, buscando semelhanças e diferenças quanto ao gênero e às ideias;

* Doutora em Geografia e Professora da Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL/ICN - Rua: Gabriel Monteiro da Silva, 700. Centro – Alfenas/MG CEP: 37130-000. E- mail: sandra.azevedo@unifal-mg.edu.br

** Licenciada em Letras e Professora de Português da Educação Básica na Secretaria Estadual de Ensino de São Paulo– Rua: Miguel Ribas, 11. Jaraguá-São Paulo/SP-CEP: 05187-270. E-mail cilene_gbalmeida@ig.com.br

- Aprimorar a escuta atenta e a leitura oral a partir de observações sobre a pontuação, entonação e ênfase;
- Debater temas propostos pelos textos e desenvolver habilidades de expressão e argumentação orais;
- Ler por prazer por busca de conhecimento, para entender o mundo.

Tendo consciência da importância da leitura e visando eliminar ou pelo menos amenizar os obstáculos que dificultam sua realização resolveu-se, por meio das disciplinas Língua Portuguesa e Geografia, estimular, mais do que geralmente já ocorre nas aulas destas disciplinas, a leitura. Assim escolheu-se uma turma de 5^a de uma Unidade Escolar localizada no distrito do Jaraguá, periferia da cidade de São Paulo, para a realização dessa atividade. Este estímulo partiria do uso de um paradidático, que segundo Tezzari (2005:35) “se apossa da linguagem do livro literário, mas tem um fim único, como o didático: ensinar algo a alguém”.

De acordo com Fernandes (2003:151),

O livro paradidático é muito utilizado como um complemento ao livro didático. Esta é, inclusive, uma orientação que os autores de livros didáticos fazem aos professores, para o aprofundamento de um determinado tema. Neste sentido, essa pode ser uma forma de uso possível. Mas é importante destacar que a escolha de um tema e o aprofundamento da questão devem ser uma opção do professor. Ele é quem deve escolher, destacar o tema que deve ter um estudo mais apurado. O ponto de partida para se optar pelo destaque de um determinado tema é o planejamento da disciplina.

Um dos principais critérios de escolha de trabalhar com paradidático foi a possibilidade de realizar uma análise geográfica junto a um trabalho com o texto literário, levando o aluno a perceber que em grande parte dos textos é possível realizar uma leitura com enfoque geográfico.

Como é de conhecimento de todos que trabalham na Rede Pública Estadual de Ensino de São Paulo, as dificuldades sempre estiveram presentes. Por exemplo, inicialmente as professoras, envolvidas no projeto, tentaram utilizar livros do acervo da biblioteca que a unidade escolar possui, mas isto não foi possível devido o processo de organização que estava acontecendo na biblioteca e do tombamento dos livros, e os demais livros da biblioteca que eram de conhecimento das professoras não se encontravam em quantidade suficiente para trabalhar com todos os alunos da sala em questão, outro obstáculo que se fez presente foi a

falta de tempo, as professoras não tinham tempo para realizar a análise dos livros no período que estavam na escola, assim fizeram-no em casa por meio de catálogos e livros que já possuíam.

A leitura do mesmo foi feita durante algumas aulas de Português que, paralelamente, trabalhava questões relativas aos elementos e estruturas da narrativa. Essa leitura foi feita oralmente pela professora, pois a maioria dos alunos não possuía livros e de acordo com informações da Diretoria de Ensino responsável pela Unidade Escolar em questão, não era possível colocar o livro paradidático como material necessário a ser comprado pelos pais, dentro deste contexto um dos principais objetivos dessa atividade foi aprimorar a escuta atenta e o registro de informações. Desta forma estabeleceu-se que os alunos deveriam ter um caderno para registrar as informações que julgavam importantes no decorrer da leitura, e também faziam anotações orientados pelas professoras.

As avaliações ocorreram em forma de provas e a síntese final (que também foi avaliada) foi a elaboração de painéis, onde os alunos divididos em trios, representavam as ideias que mais chamaram atenção em cada capítulo. É importante ressaltar que os alunos se envolveram com a leitura do livro, e as aulas que eram relativas ao projeto tiveram uma maior participação dos mesmos.



Figura 1: Mural com os painéis desenhados pelos alunos Fonte: AZEVEDO, 2007

2 A GEOGRAFIA NO PROJETO

Nas aulas de Geografia, a leitura foi realizada com um olhar geográfico tendo como categoria norteadora a paisagem, sendo este um conteúdo que se encontrava dentro do programa da 5ª série. Segundo Cavalcanti (1998:98),

Numa outra perspectiva da geografia na atualidade, de cunho dialético, a paisagem tem sido tomada como um primeiro foco de análise, como ponto de partida para a aproximação de seu objetivo de estudo que é o espaço geográfico, contendo ao mesmo tempo uma dimensão objetiva e uma subjetiva.

Buscou-se também trabalhar as transformações da paisagem bem como a participação da população neste processo.

As paisagens vão se modificando, na medida em que se altera a dinâmica que as produz, ou seja, a sociedade, se modifica e, com isso, modifica suas paisagens, que são, então, a forma do novo conteúdo. A grande tentação é explicar tudo como se fosse uma história, como se fosse um desenrolar de fatos transcorrendo no tempo. Mas os fatos, ao ocorrerem, constroem seu espaço e é por isso que, ao mudarem os fatos, muda também o seu espaço. (PEREIRA, 2003:11)

Dentre os livros analisados o que mais atingia os objetivos propostos pelas duas disciplinas em questão era o paradidático “O tesouro de Ana” de Mirna Pinsky, pois este seria adequado para trabalhar com a série pretendida e também possuía vários elementos que possibilitam uma leitura geográfica, como se pode observar na citação abaixo.

Quando Ana era criança, o resto do mundo ainda estava distante da praia de Santana. As alegrias eram inventadas nas histórias e nas procissões das festas do Divino, e todo o resto era uma grande aventura por ser descoberta. Só que muitas pessoas estavam de olho em Santana, e pretendiam transformar aquele paraíso num condomínio de luxo, tirando o direito das famílias caiçaras de permanecer por lá. No meio desta confusão, Ana e os amigos encontram um tesouro – que talvez seja mais valioso do que eles imaginam. (PINSKY, 2005).

A descrição dos ambientes onde ocorre a história são referentes à paisagem rural e a paisagem urbana, enfocam os elementos concretos naturais e humanizados, e também mostram o modo de vida da população que habita tais paisagens.

O livro em questão descrevia a paisagem e o modo de vida de uma população caiçara na década de 1960, em uma praia denominada Santana, na cidade de São Sebastião, litoral norte paulista. Para trabalhar com a localização de forma mais precisa utilizou –se um mapa

que ilustrava o litoral norte paulista e a capital São Paulo, pois a ideia era que os alunos entendessem a questão da distância do local onde eles moram e o local da praia onde ocorre a história. No livro em vários momentos aparecem bairros de São Sebastião e para que os alunos localizem-se esses bairros no mapa utilizamos a internet. Os alunos foram levados para a sala de informática, onde tiveram acesso ao site oficial da prefeitura de São Sebastião (www.saosebastiao.sp.gov.br/finaltemp/index.asp) assim foi possível por meio dos mapas disponíveis no site fazer uma análise da forma de ocupação das praias e em que porção do municípios ficavam cada bairro.

O enredo da história trata da construção de uma estrada que traz consigo a especulação imobiliária e suas consequências, o que leva uma comunidade a considerar as vantagens e desvantagens do modo de vida rural e do modo de vida urbana e colocando em alguns momentos a resistência às transformações. O livro relata as modificações que aconteceram em uma paisagem por causa da especulação imobiliária gerada pela possibilidade de acesso a uma paisagem tida como bela por algumas pessoas, aliás, relata a relação dos nativos e dos “de fora” com esta paisagem.



Figura 2: Painel feito pelos alunos para ilustrar as mudanças e as dúvidas que surgiram com a construção da estrada. Fonte: AZEVEDO, 2007.

Um dos métodos utilizados para facilitar o entendimento de alguns conceitos foi aproximar a realidade do aluno, seu cotidiano, com o que ocorria na história trabalhada em

sala, assim a professora de geografia, quando possível, fazia comparações entre a realidade próxima dos alunos e os acontecimentos do livro paradidático, pode-se colocar como exemplo a especulação imobiliária, a precária assistência médica, bem como aspectos naturais: a vegetação (uma vez que o bairro onde se localiza a escola tem-se uma reserva de Mata Atlântica) e questões políticas.

A alfabetização, para a geografia, somente pode significar que existe a possibilidade do espaço geográfico ser lido e, conseqüentemente, entendido. Pode transformar-se, portanto, a partir disso, em instrumento concreto do conhecimento, em uma janela a mais para possibilitar o desvendamento da realidade pelo aluno. (PEREIRA, 2003;10)

A geografia escolar deve estimular os alunos a desenvolver uma leitura geográfica de livros paradidáticos e da realidade em que vivem, desta forma ter-se a possibilidade maior de uma transformação partindo da educação, pois a partir do momento em que as pessoas entendem a realidade mais próxima de si, elas saem do poder do desconhecimento, ou seja, passa conhecer entender e podem daí buscar e lutar por mudanças. Também é importante colocar que os professores da escola pública devem na maioria das vezes impor seus objetivos e superar os obstáculos para conseguir alcançá-los, mesmo que isto signifique subverter a ordem do concebido.

3 A LEITURA GEOGRÁFICA DO PARADIDÁTICO “O TESOIRO DE ANA”

A disciplina geografia tinha como objetivo trabalhar de forma dialética, levando os alunos a entenderem os conflitos que estão presentes na produção ou reprodução do espaço geográfico.

O processo ensino-aprendizagem sob o enfoque dialético caracteriza-se por estimular o aluno a ver “o outro lado” das coisas e dos fatos, por desenvolver o espírito crítico, por promover a não conformidade, sendo, por isso, força motriz de mudança e de evolução. A lógica clássica cultiva o pensamento linear, racional, buscando superar incertezas e dúvidas e chegar à segurança de “verdades” incontestáveis. A lógica dialética, ao contrário, não se assusta com a incerteza, com o contraditório, com o duvidoso, porque esta é a natureza do conhecimento e da própria realidade; todo conhecimento que consideramos objetivo iniciou na esfera da subjetividade. A dialética abre espaço, sempre, para a criatividade e para a subjetividade. A realidade é dinâmica e o ato de conhecer é complexo (não apenas razão!); o conhecimento não consiste em mera apropriação, mas em permanente relação de um sujeito com a realidade que o cerca, relação esta que se estabelece de forma também individual e através de múltiplas e diferentes formas. É uma relação entre a realidade dinâmica, e às vezes contraditória, e

o ser humano complexo, capaz de ver e sentir a realidade em níveis que transcendem a razão. (GASCHO, 2003:23)

Assim, questões como a política e a propriedade da terra possibilitam a análise dos conflitos existentes em torno daquele espaço onde se localizava a vila de caiçaras. De um lado tínhamos o interesse do capital e do outro a cultura e o modo de vida coletivo da população, e o que mediava esse conflito era a estrada (Figura 2) que estava sendo construída, a qual trazia vantagens e desvantagens para a população caiçara. Dentro dessa temática foi possível trabalhar com os alunos conceitos como especulação imobiliária, grilagem de terra, corrupção, propriedade privada, propriedade coletiva e segregação espacial



Figura 3: Paineis desenhados pelos alunos ilustrando as cercas que delimitavam a propriedade do empresário e seu objetivo de comprar todas as terras. Fonte: Azevedo, 2007.

A especulação imobiliária foi trabalhada juntamente com a construção da estrada e os interesses que pessoas do âmbito político passaram a ter sobre o local, ou seja, a força do poder público na produção do espaço e na segregação do mesmo. O livro relata que o prefeito da cidade onde ocorria a história junto com um empresário interessado na construção de um condomínio fechado, coagiam os caiçaras pressionando para que estes vendessem suas terras, isto ficou claro no momento em que ficavam reforçando aos caiçaras as vantagens que teriam nas cidades, também quando cercaram as terras que já haviam comprado em Santana (Figura 3) dificultando o dia-a-dia da população que acostumados com o modo de vida coletivo, não aceitavam não poder passar em um lugar, não poder plantar onde plantavam antes e começam

então a questionar a presenças das cercas. Esse mesmo prefeito que quer tirar os caiçaras de lá foi eleito por ele, isto porque o empresário organizou um sistema de barcos para poder levar os caiçaras para votarem e isto também foi trabalhado com os alunos como venda e compra de votos. É interessante ressaltar que o livro deixa claro a relação entre o prefeito o empresário que quer as terras dos caiçaras para construir um condomínio fechado e o dono do cartório da cidade, todos visando um único objetivo espoliar os caiçaras.

Em vários capítulos foi possível enfocar a vegetação, o clima e o relevo, sempre os relacionando ao dia -a - dia da população local, como por exemplo as trilhas que eram utilizadas, e que se caracterizam com um aspecto íngreme e uma mata fechada, ou seja, se tratava de uma área de difícil acesso. Relata também a dificuldade em ir para a cidade vender suas mercadorias em épocas em que o mar está agitado. De comprar um remédio ou procurar um médico em caso de urgência (Figura 4).



Figura 4: Painel feito pelos alunos para ilustrar a dificuldade para conseguir remédios urgentes. Fonte: AZEVEDO, 2007.

Mas este mesmo difícil acesso é um dos responsáveis pela valorização da paisagem da praia em questão, pois a natureza encontrava-se preservada e é ela que se torna mercadoria.

Multidões saem fotografar uma tal bela paisagem que se diz ser necessário

vê-la a partir de um determinado ângulo de visão. As cartas turísticas indicam quais são as belas vistas e é nesses lugares “privilegiados” que a especulação imobiliária se desenvolve, que os nativos são caçados e que se instalam as belas mansões, os albergues e os hotéis. São nesses lugares que se formam também as associações de “defesa da paisagem”, dirigidas por arquitetos, para proibirem os outros de virem e se instalarem. As licenças de construção são obtidas se os projetos forem adequados à “paisagem” e se as novas construções não atrapalharem a vista. Geram-se intrigas e luta-se para classificar uma “paisagem”, como um novo tipo de obra de arte; especula-se sobre sua mais-valia (*sic*), como em uma pintura sobre a qual os que têm direito, aqueles que adquiriram a vista sobre essa paisagem, conservam para si a exclusividade. As belas paisagens são mais apenas “naturais”, mas são também urbanas e a especulação imobiliária ocupa-se muito delas. (LACOSTE, 2003:117)

O modo de vida da população caiçara e das pessoas que venderam suas terras e/ ou trocaram por uma casa na cidade (área urbana) são um dos focos do livro e durante as aulas os alunos são solicitados a fazerem exercícios de reflexão sobre o que seria melhor para os caiçaras. Assim sobre o modo de vida caiçara os alunos destacavam objetos como a cama sendo uma esteira, a casa de pau-a-pique, vasilha de barro, fogão a lenha, torra e moer café em confronto com o conforto da geladeira, da energia elétrica, da proximidade com hospital e escola, mas não deixam de falar da falta de emprego e consequentemente de dinheiro para pagar as contas relacionados a estas vantagens relatadas na cidade. Outro aspecto que foi explorado foi a escola informal que existia na vila caiçara em contraponto com a escola formal da cidade onde os alunos tinham que ir calçados e com uniforme.

Um aspecto que chamou atenção dos alunos foi um senhor que contava causos para as crianças, o que alimentava a imaginação das mesmas e faziam elas inventarem as aventuras que só puderam acontecer devido as características do lugar onde elas se encontravam. Acredita-se que este ponto chamou atenção pelo fato de ser muito distante da vida que eles, alunos, levam, onde grande parte das informações e histórias vêm da televisão ou internet.

Ao final do projeto percebemos que os alunos compreenderam que o melhor para um não é o melhor para todos, que as vantagens que apareciam na historia era relativa, ou seja, vantagem para quem tem um modo de vida urbano e que este modo de vida não deve ser imposto a comunidades caiçaras que possuem modo de vida diferente.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos**. Campinas, SP: Papirus, 1998. 192p.

FERNANDES, Bernardo Mançano. O livro paradidático em sala de aula: do planejamento ao uso. In. CASTROGIOVANNI, Antonio C. (Org). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.p.151-154.

PEREIRA, Diamantino. Paisagens, lugares e espaços: A geografia no ensino básico. **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo: nº 79. p.09-21, 2003.

PINSKY, Mirna. **O tesouro de Ana**. São Paulo: Edições SM, 2005.

LACOSTE, Yves. Para que serve a Paisagem? O que é uma bela paisagem? **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n.79 p.115-150, 2003.

TEZZARI, Neusa dos Santos. **A constituição do aluno leitor: um estudo etnográfico**. Tese de Doutorado – Instituto de Psicologia. USP, 2005.

Texto recebido para avaliação em 26/10/12 e aceito para publicação em 20/12/12.